A metodologia da pesquisa em sociolingüística variacionista

Renata Livia de Araújo Santos*

Metodologia: um caminho para resultados possíveis

Realizar pesquisas científicas não é nada fácil. Muitos são os obstáculos que surgem ao longo do caminho. Porém, há procedimentos que, quando bem utilizados, contribuem para a realização de uma pesquisa científica de qualidade.

Toda pesquisa é regida por, pelo menos, uma teoria científica. Para cada teoria, há procedimentos metodológicos que são os caminhos adequados a serem seguidos em busca de resultados mais fidedignos possíveis. Portanto, a metodologia é um conjunto de regras que facilita a condução da pesquisa a fim de que os resultados alcançados sejam coerentes aos pressupostos teóricos.

Desse modo, acreditamos que para se discutir os fundamentos metodológicos, devemos antes abordar os princípios teóricos, uma vez que não há metodologia sem os pressupostos de uma teoria. Tentaremos, na verdade, conduzir uma discussão sobre a fundamentação teórica da metodologia.

Portanto, tendo em vista que há procedimentos metodológicos que guiam e interferem em uma observação para que essa seja de qualidade e confiabilidade, selecionamos a metodologia da Sociolingüística, mais especificamente da Teoria da Variação, como base para a discussão por reconhecermos a importância de trabalhos quantitativos que utilizam dados que refletem o uso da língua em um contexto social heterogêneo.

Uma fundamentação teórica da metodologia da Sociolingüística Variacionista

A Sociolingüística Variacionista estuda a língua em uso em uma comunidade lingüística. Essa língua é heterogênea, ou seja, não é falada da mesma forma por todos os membros da comunidade. Cada comunidade de fala possui características lingüísticas que a distingue das outras. Acredita-se que “nenhum indivíduo na verdade fala uma língua, nem o espanhol, nem o português, nem o inglês. Todos nós falamos uma variação dessas línguas” (MOURA, 2007, p. 14). Dessa forma, há um leque de possibilidades de fala à disposição do falante. A essas formas lingüísticas alternativas dá-se o nome de variantes e ao seu conjunto chamamos de variáveis. Retomaremos esses conceitos mais adiante.

A princípio, temos que considerar que o principal objetivo da Sociolingüística é “compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade” (MOURA, 2007, p. 11), para isso, procura desenvolver novas metodologias.

Iremos discutir agora a metodologia dessa teoria utilizada basicamente para coletar e analisar os dados. Dizemos de antemão que seguiremos um caminho possível, dentre vários, de utilização dessa metodologia para a realização de pesquisas sociolingüísticas.

* Estudante e bolsista CAPES/CNPq de Mestrado em Lingüística do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL).

De início, nas pesquisas sobre a linguagem, já encontramos o primeiro obstáculo: “a linguagem pouco se presta à experimentação, já que só se manifesta na espécie humana, que é dificilmente manipulável para fins de pesquisa” (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 117). Portanto, a observação surge como único método para coleta de dados. Mas, para se colocar em prática essa coleta, é necessário tomar uma série de decisões quanto à comunidade de fala que será analisada, ao número de falantes que serão observados e à seleção desses falantes.

Em alguns casos, a comunidade a ser escolhida depende da seleção do fenômeno. Para isso ocorrer, é necessário que a fala dessa comunidade já seja, de certa forma, conhecida. Porém, o sociolinguísta também pode encontrar primeiro uma comunidade cuja fala nunca foi estudada e, por isso, considera o seu estudo importante. Dessa maneira, o fenômeno surgirá a partir dos dados. Essa ordem não é relevante, pois como dissemos, há vários caminhos adequados a serem seguidos que nos levam a resultados que correspondem com a metodologia proposta.

É preciso também que se tenha consciência de que a pesquisa não tem como englobar todos os falantes de uma comunidade lingüística. Assim, o que se tem é uma amostra representativa da fala dessa comunidade.

Para a montagem dessa amostra, é necessário pensarmos no número de indivíduos, que por sua vez, depende: a) da homogeneidade da população, que deve compartilhar um grupo de regras de usos lingüísticos e culturais; b) da quantidade de variáveis analisadas; c) do fenômeno, tendo em vista que há fenômenos mais homogêneos que outros; d) do método (Idem: 199-120); e) do número de membros da comunidade; e outros.

Outro passo a ser tomado é a seleção dos falantes, que, normalmente, é de ordem aleatória. Mesmo assim, há dois modos que podemos seguir. O método aleatório simples parte do princípio de que “todos os indivíduos têm exatamente igual probabilidade de escolha” (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 120). Já a aleatória estratificada estratifica a amostra, dividindo a população em ‘células’ “compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais” (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 121). O número recomendável de indivíduos por célula é de 5 falantes, dependendo, é claro, da extensão da comunidade. Portanto, para a variável sexo, por exemplo, teremos 10 falantes, 5 do sexo feminino e 5 do masculino.

Tendo decidido em relação aos procedimentos acima, é preciso refletir sobre o contato e o número suficiente desses contatos para a coleta dos dados. “Basicamente existem três tipos de contato: interações livres, entrevistas e testes” (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 124). Campoy (2005, p. 119) apresenta mais alternativas: enquetes e questionários postais, eletrônicos e presenciais. Esse último autor (2005, p. 131-140) aborda também alguns tipos possíveis de entrevistas (individual programada, anônima fugaz e telefônica) e de testes (de disponibilidade léxica e de escalas de nível). Cada um desses contatos possui vantagens e desvantagens, portanto, essa seleção dependerá do fenômeno de cada pesquisa. O que se pode afirmar é que qualquer tipo de contato exige recursos tecnológicos e uma preparação prévia, principalmente no caso de entrevistas, em que o pesquisador entra em contato direto com os falantes. Como o objetivo da Sociolinguística é observar a fala no cotidiano, deve-se ter muito cuidado para que a fala em observação não seja artificial.

Captar uma fala natural é um dos maiores desafios encontrados por um sociolinguísta, uma vez que este faz uso de recursos tecnológicos como o gravador. Sabemos que a utilização desse equipamento inibe de imediato o entrevistado, que passa a se preocupar mais com a sua fala, tentando evitar os chamados “erros”. Nesse momento, o pesquisador encontra-se no paradoxo do observador: “o objetivo da pesquisa lingüística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008, p. 244). E este fato se agrava se o entrevistador for uma pessoa desconhecida dentro da comunidade em estudo. Contudo, “la Sociolingüística há desarrollado técnicas para superar la paradoja del observador, o al menos reducir sus efectos, y obtener muestras de habla lo más natural posible” (CAMPOY, 2005, p. 115).

Portanto, o pesquisador deve tomar uma série de cuidados para conseguir registrar uma fala que seja a mais natural possível. Uma técnica para isso é ter contato com os informantes antes da realização da coleta de dados. Isso contribuirá para uma maior familiarização com a comunidade e permitirá que o pesquisador possa comparar as falas, sem e com o uso de equipamentos que possam registrá-las.

Para a sociolingüística, o social não pode estar separado da língua. Há, além dos lingüísticos, fatores externos à língua que a influenciam. Assim, reforçamos a importância do contato prévio com a comunidade de fala para se obter informações não só lingüísticas, mas também sociais e culturais de cada indivíduo. Para isso, a ficha social surge como uma alternativa.

Feita a coleta de dados e uma pré-análise dos mesmos, a próxima etapa da pesquisa é transcrever os dados, a fim de poder analisá-los de forma mais consistente, uma vez que “não conseguimos estudar o oral através do próprio oral” (Idem: 135). Para que se possa ter uma análise, a mais fiel possível da fala do indivíduo, existem teorias e regras que devem ser seguidas. Após essa etapa, podemos montar o ‘corpus’ da pesquisa. Porém, como o levantamento e a transcrição dos dados são etapas bastante trabalhosas, há, por exemplo, o *Varbrul*, “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolingüística” (GUY e ZILLES, 2007, p. 105) que nos permite utilizar um *corpus* levantado e transcrito, facilitando o trabalho do pesquisador.

A próxima etapa constituirá a análise dos dados com o intuito de observar quais os fatores lingüísticos e extralingüísticos que podem estar influenciando a fala da comunidade lingüística em estudo. Essa análise consiste em usar os dados como argumento e não como ilustração. Caso, o *Varbrul* seja utilizado, ele apontará os fatores significativos para a análise.

Percebe-se, portanto, que estamos trabalhando com uma metodologia quantitativa, que envolve números e estatísticas, já que a sociolingüística variacionista é uma ciência empírica, que trabalha com dados reais da fala. Para essa metodologia, o fator quantitativo é determinante para caracterizar uma variação. Por outro lado, a metodologia qualitativa não é descartada, uma vez que, em alguns momentos, também se utiliza dela para interpretar dados.

Além de todas essas precauções, gostaríamos de destacar uma última, mas não menos importante, que é o fato do pesquisador ter que levar em consideração o tempo estimado para a realização da pesquisa. Esse tempo, normalmente, é muito curto, não sendo

suficiente para a concretização da investigação sociolinguística. Por isso, há estudos transversais (tempo aparente) e longitudinais (tempo real):

Por medio de una metodología de *tiempo aparente*, el habla de los informantes más viejos se compara –desde alguno(s) de sus distintos niveles de análisis lingüístico, contextual y sociodemográfico –con la de los más jóvenes, mientras que mediante una metodología de *tiempo real*, el habla de una población determinada es comparada desde, al menos, dos puntos diferentes en el tiempo” (CAMPOY, 2005, p. 41).

Tendo em vista todos esses cuidados que devem ser tomados, podemos perceber como árduo é o trabalho de um sociolinguista. Para realizar pesquisas nessa área, é preciso gostar e compactuar de suas propostas teóricas e metodológicas para saber lidar com todos os empecilhos que irão, naturalmente, aparecer pelo caminho.

Uma discussão que não se esgota nessas linhas

Neste artigo, tentamos mostrar, através de uma visão teórica, a importância que a metodologia tem nas pesquisas científicas. Para conduzir tal discussão, abordamos os aspectos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, uma vez que, para essa teoria lingüística, a metodologia corresponde a uma parte central e importante, que requer bastante atenção e cuidados.

Tendo em vista que a metodologia não pode ser vista de modo separado da teoria, discutimos, inicialmente, um pouco sobre a Teoria da Variação Lingüística para, em seguida, tratarmos mais especificamente sobre a metodologia dessa teoria.

Percebemos, portanto, que a discussão teórica sobre a metodologia da Sociolinguística Variacionista não se esgota aqui; há muitos outros pontos que também se revelam pertinentes. Contudo, vale lembrar que não há uma receita pronta. Cada pesquisa exigirá os seus procedimentos metodológicos. E é justamente na realização desses procedimentos que o pesquisador perceberá se eles são ou não adequados para a pesquisa.

Devemos lembrar que o importante é segui-los de forma coerente, respeitando os aspectos teóricos que cercam essa metodologia. Assim, o pesquisador e seu leitor terão certeza de que os resultados alcançados são confiáveis.

Referências

- CAMPOY, J. M. H. & ALMEIDA, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Editorial Comares, 2005.
- GUY, G. R. e ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa – Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org) *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2007.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.